

Mercado atua com insegurança

O interesse das instituições financeiras se voltou para as NTN cambiais, pois, no caso da unificação, especulava-se sobre a possibilidade de o dólar comercial sair fortalecido.

A insegurança dos agentes econômicos foi justificada, já que são grandes os riscos de se tentar a liberação e unificação do câmbio em um ambiente ainda instável economicamente. Em um primeiro momento, a queda ou eliminação do ágio entre as cotações do paralelo, flutuante e comercial, além de exigirem uma complexa gama de regulamentações por parte do Banco Central e uma posterior adaptação do Sistema Financeiro, não eliminariam os riscos do aumento da demanda pelo dólar.

Vale lembrar que a revisão constitucional é fundamental para a equalização sustentada das contas públicas e que os embates políticos travados entre o Governo, o PMDB e, mais tarde, o PDT, geram apreensão quanto à viabilidade de que seja posta em prática a partir de outubro. O anúncio do ministro Fernando Henrique de que derrubaria a inflação em uma só tacada, sem a devida reestruturação das contas públicas, aumenta o clima de insegurança, na medida em que sugere a possibilidade de um novo choque na economia.

Demanda — Caso houvesse aumento da demanda pelo dólar, o Banco Central acabaria tendo que comprometer parte das reservas para evitar uma alta mais expressiva da moeda norte-ame-

ricana. Uma segunda forma de o Governo evitar o aumento da demanda pelo dólar seria via taxas de juros. Na primeira metade da última semana, apesar de o mercado futuro de IGP-M estimar para setembro uma inflação menor do que a inicialmente prevista, o BC elevou substancialmente as taxas de juros praticados no **over**, reflexo sobre todo o mercado de renda fixa, gerando um forte clima de indefinição.

Desta vez, os boatos se direcionaram para a possibilidade de o Banco Central estar promovendo nos mercados monetário e cambial uma política coordenada que precederia medidas mais radicais no câmbio no curto prazo, como havia anunciado o ministro Fernando Henrique. Mais tarde, o diretor da Área Internacional do Banco Central, Gustavo Franco, esclareceu a questão, afirmando que a unificação do câmbio só virá no médio prazo, dependendo de ajustes regulatórios e da estabilidade da economia.

Projeções — Na segunda metade da semana, o BC manteve a sinalização de alta dos juros. Desta vez, porém, foi seguido por uma reavaliação de comportamento dos preços no mercado futuro de IGP-M, que, em apenas três dias, sofreu um aumento de quase um ponto percentual nas projeções para a inflação de setembro. Na última sexta-feira, considerando-se as projeções das taxas de juros (BBC) e da inflação para setembro, o mercado estimara um patamar de 1,2 por cento para os juros reais no mês.